



Director literario:

Arquibaldo Campesina
PAPIM

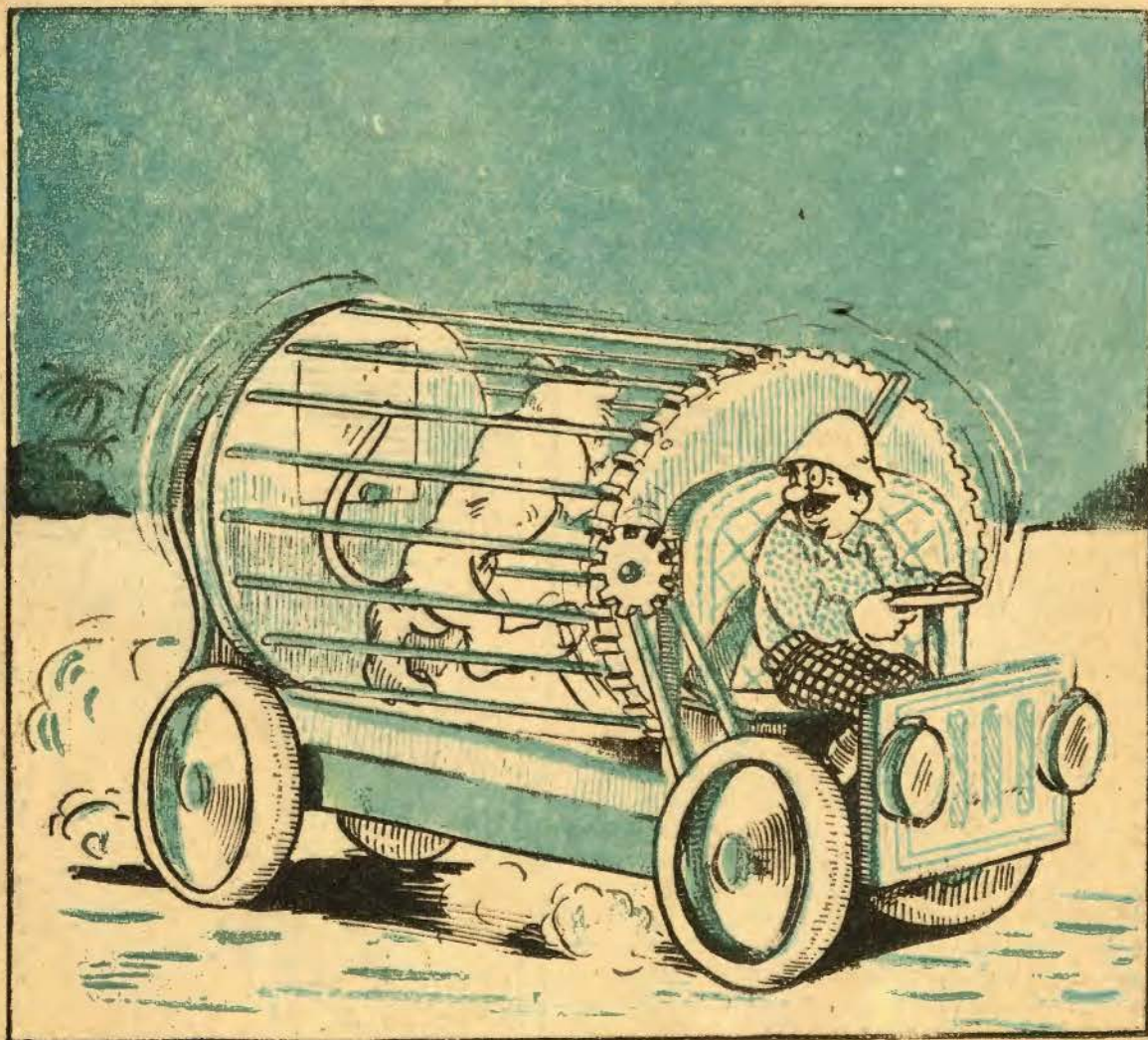
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo de Sá
PAPUSSE

Uma grande invenção



O major Fóróbódó,
Homem de grande coragem,
Vai pelo deserto, só,
Numa missão, em viagem,

Seu invento, na trazeira,
Deixa visível a isca
Que se cheira e não petisca,
Como em qualquer ratoeira.

Não havendo quem a sinta,
Dentro da caranguejola,
Salta uma fera faminta,
Que co'a isca se consola.

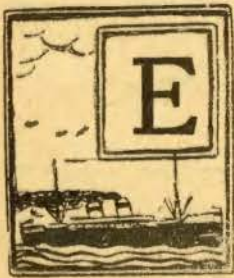
Vejam a dificuldade
Da fera para fugir!
Enquanto o major, a rir,
Segue a toda a velocidade..



Do sonho à realidade

por MARIA DE LENCASTRE

desenhos de EDUARDO MALTA



ERA a Joaquina uma pequenita graciosa e meiga, cheia de alegria e bondade, correndo atrás das borboletas, saltando e rindo com aquela despreocupação que só sentem as almas como a dela—inocentes e puras, sem inquietação e vãos desejos. Vivia numa casinha pobre mas

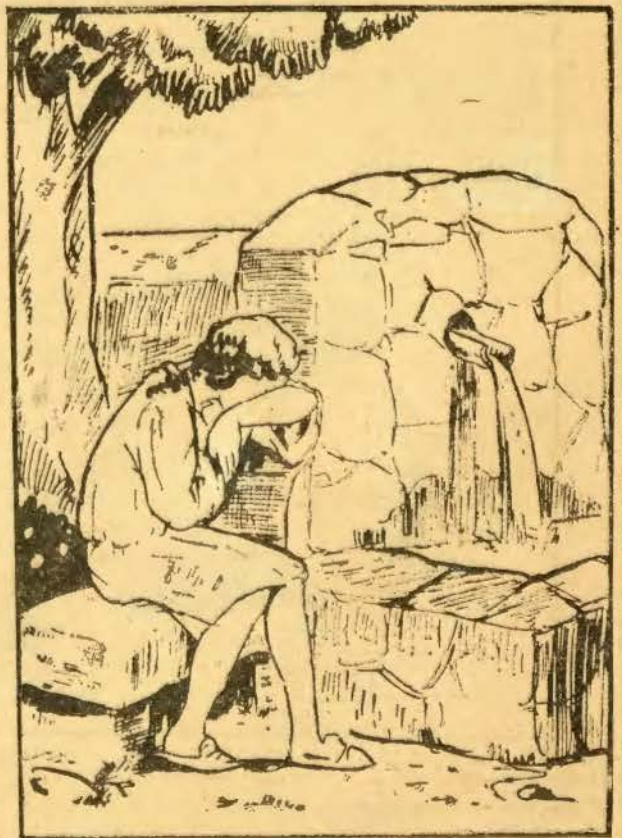
alegre e poética, sombreada pelas hastes compridas e agudas das plantas trepadeiras e coroadas de lindas roseiras de tocar.

Não conhecera Joaquina pai nem mãe e havia anos que vivia com a avó, curvada já pelo peso dos anos e dos desgostos, desfiando no seu rosário de contas, padre-nossos entre-cortados de lágrimas de saúde, pelos seus que partiram, deixando-a só no mundo com a neta, a encantadora Joaquina. Via a velhinha com terror, passarem os anos, pensando que, pela sua morte, deixava na solidão e miséria a neta querida, de quem era único amparo. Joaquina é que nem pensava nisso,

Depois de ajudar a avó nos trabalhos caseiros, corria pelos campos fora, soltando gritos de alegria e entusiasmo, saltando os regatos, cantando canções que os passarinhos acompanhavam num admirável gorgheio de ternura e simpatia por aquela alma tão pura e tão espiritual. Porém, numa tarde, ao chegar a casa, Joaquina encontrou inanimada e fria, estendida no solo, a avó que amava, aquela em cujo seio ela descansara a cabecinha loura, quando a tempestade rugia lá fora e o vento sibilava nas ramarias das árvores.

Joaquina saiu em procura duma pessoa que a ajudasse a sepultar a avó, e foi assim que, gemen-

do e chorando, caiu prostada de dor e fadiga sobre uma das pedras do caminho e adormeceu. Adormeceu e sonhou. Sonhou que um vulto airoso e subtil, se aproximava dela e, que pegando-lhe na mão, a conduzia, através um caminho tortuoso e escarpado.





Apesar de já ter os pés ensangüentados e os joelhos feridos, Joaquina só via e pensava na figura esbelta e vaporosa que a acompanhava. Súbitamente, parou e perguntou-lhe:

— «Quem és tu, tão diáfana e linda?»

— «Eu sou a Fé... voltou esta, continuando a caminhar sempre seguida por Joaquina até que chegando a uma choupana a beijou e desapareceu.

A porta da choupana, abriu-se e uma linda figura de mulher apareceu, dizendo com doçura:— «Entra filha». As suas feições eram tão puras e doces que pareciam buriladas pelas mãos dos anjos e o seu olhar era suave e brilhante.

Amorosamente, conduziu Joaquina para casa. Esta, olhando-a sempre, perguntou-lhe: «Quem és tu, tão vaporosa e boa, tão linda e séria? —» Eu, minha filha, sou a Caridade. Consolo a viuva que geme, o órfão que chora; dou pão aos famintos e cubro os nus com o meu manto de Protecção e Amôr.

Mas a porta abriu-se e outra visão luminosa e linda, entrou, enchendo de brilho e cor toda a choupana.

Joaquina olhou extasiada aquela visão diáfana e subtil, duma cor verde tão brilhante e viva que ofuscava as feições ternas e suaves da Caridade. Como era linda! E Joaquina de joelhos, gritou suplicante: «Quem és? Como te chamas? Leva-me, tu que encarnas a belesa e a cor. — A fada sorriu e disse:

— Eu sou a Esperança...

Vem. . . Joaquina abriu os olhos. O sol declinava ao longe, desmaiando exangue. Perto, ouvia-se um

som de charamelas e guizos, de vozes que se aproximavam. O príncipe Adalberto regressava da caçada e, sentindo sede, aproximou-se do sítio onde Joaquina estava, em procura duma fonte que lha mitigasse.

Viu-a e achou-a tão linda, apesar dos vestidos rôtos que a cobriam, que a levou para o palácio onde a rainha a recebeu com affectuoso carinho, mandando-a educar com esmero. Joaquina era inteligente e terna. O príncipe sentindo-se cada vez mais atraído pela sua belesa e graça, pediu à rainha lhe concedesse licenca para casar com ela. A rainha acedeu, e ainda hoje Joaquina vive tão feliz como outróra, rainha no coração do esposo e do povo que a adora. Lembrando-se do lindo sonho que teve nessa tarde, que deu início à sua felicidade, ela vai visitar os enfermos, consolar os tristes com a doce meiguice e graça das três fadas — Fé, Esperança e Caridade.





Por LIDIA ROSA-LINDA SANTOS



RA uma vez uma raposa muito sábia, que usava bécã e óculos (e o respectivo guarda-sol cõr de pevide) célebre por ter defendido diversos animais, em variadíssimos e complicados processos, nos quais sempre era réu o lobó, senhor de vastos domínios, mas de uma crueldade e egoísmo sem nome, que não deixava em paz os pobres habitantes da floresta.

Ora um dia, a sábia raposa ia a caminho do tribunal

para mais uma vez meter nos cixos o mau lobo que se tinha atrevido a insultar a Dona Melharuca, por esta se ter recusado a dar-lhe a mão da sua filhinha mais nova, que era a mais linda das suas sete filhas.

Descançadamente seguia montada num burrinho manso, presente dos seus clientes agradecidos, quando este, estacando e arrebitando as orelhas, deu sinal de inquietação. A raposa levantou os olhos do processo que ia lendo, para se não esquecer de nenhum pormenor, e murmurou: — que temos? Uh! cheira-me a patifaria!! Mal teve tempo de concluir o pensamento quando, de uma moita, lhe saltou ao caminho o lobo com os olhos incendiados pelo ódio, e que, baixando o rabo, disse cortez: — Como passa, senhora Raposa? Bem? Onde vai assim tão formosa no seu burrinho?!

A raposa, franzindo as sobrancelhas, pondo os óculos na ponta do focinho, diz para consigo: — Ah, grande maroto, tu que te mostras tão meu amigo, alguma me queres pregar e diz alto para o lobo:

— Muito mal, meu querido senhor lobo, ando muito adoentada; o reumatismo e o pigarro não me largam. Imagine que ia agora mesmo ao doutor Mõcho que, como Vossa Senhoria sabe, é uma grande sumidade, vêr o que êle me receitará.

A raposa que era uma grande matreira e para poder enganar o lobo, tratou de lhe mentir. O lobo, ouvindo dizer à raposa que estava doente, ficou contente e disse: Olhe senhora raposa e grande sábia dêste reino, eu cá, se fõsse a Vossa Senhoria, ia ali ao rio molhar as patinhas e depois punha esta pedrinha ao pesçoço e ia tomar

banho, para sair o pigarro e mais êsse maroto do reumatismo. Foi o que o doutor, aqui há alguns menses, me receitou e olhe, minha amiga, que eu, como está vendo, estou rijo. Aproveite, pois, esta idéa que eu não lhe levo nada pelo conselho. E de graça para si, que tem sido muito boa pessoa e ajuizada sobretudo. Ora a pedra que o lobo indicava era um pedregulho capaz de afogar um homem quanto mais a pobre raposa.

Mas a raposa que não era tola, como se vai vêr, respondeu: «Tem razão, tem, senhor lobo! Como a vidinha está cara, vou aproveitar esta consultazinha de graça, mas tem que me ajudar».

Com todo o vagar, prendeu o jumentinho à sombra de uma árvore, fechou o guarda-sol e, cuidadosamente, o guardou no alforje que o burrito trazia.

Já se vê que o lobo não se fez rogado e lá foram os dois a rodar a pedra até ao rio.





dindo perdão e que o salvasse que nunca mais faria mal algum, mas a raposa deu-lhe uma gargalhada e disse-lhe:

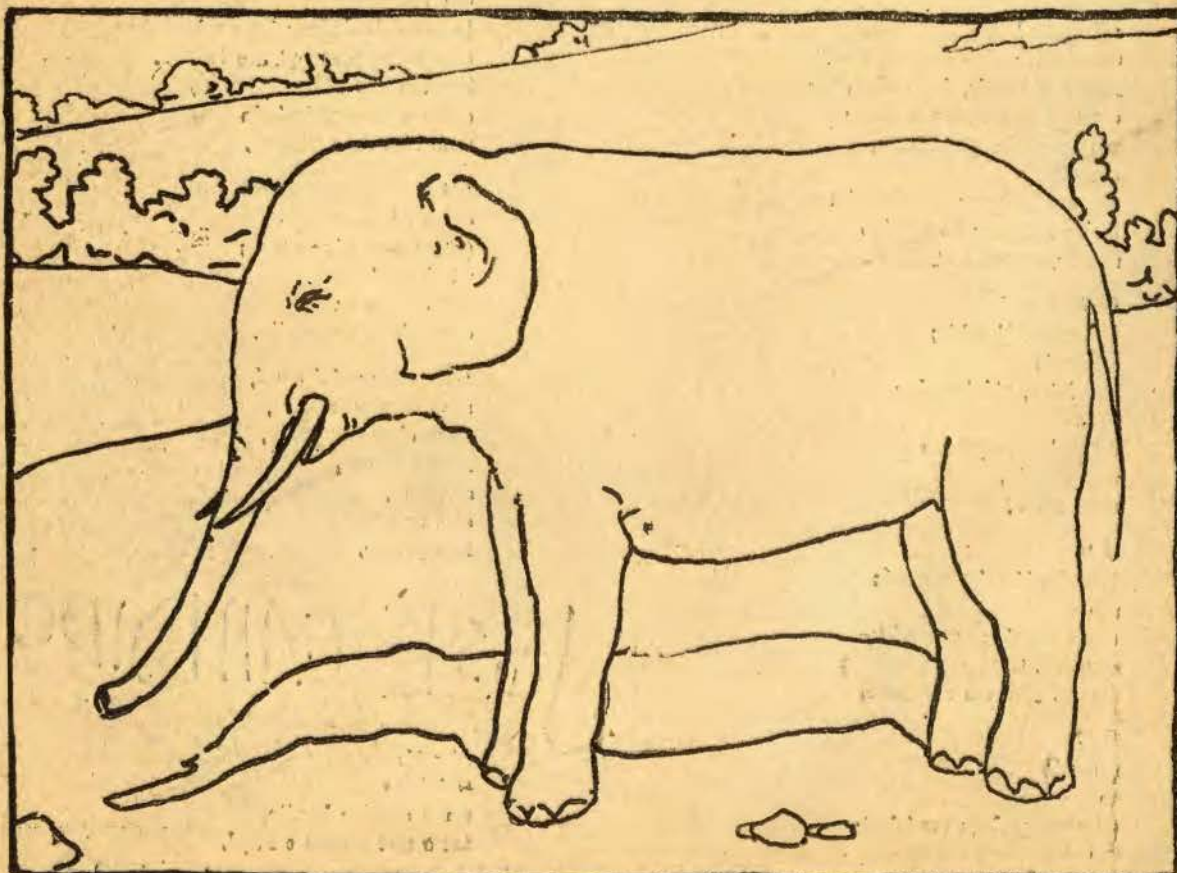
Por bem fazer mal haver,
Temos visto acontecer.
Mas também, algumas vezes,
Se tem mal, por mal fazer.

Seguiu o seu caminho e nunca mais advogou causas, pois o lobo morreu afogado.

F I M

Chegaram à beira do rio e o nosso amigo lobo já se preparava para fazer o laço, para pôr a corda com a pedra ao pescoço da raposa, quando esta, súbitamente, o empurrou para dentro do rio.

Caindo ao rio o lobo; começou num berreiro infernal pe-



P
A
R
A

O
S

M
E
N
I
N
O
S

C
O
L
L
O
R
I
E
M

Josézito

POR
CELESTINO GOMES

Desenho de João Carlos



O Zézito
é pequenito
tem quatro anos sómente...
e o ninguém-sito,
o cinco-réis de gente,
já faz o seu nome, escrito,
sem lhe pôrem outro em frente.

Primeiro,
p'ra começar o leteiro
um *Je*.
um *jota*...
¿ Como é,
então?
Uma bengala janota
que tem p'ra o ar o ponteiro
e a volta de pegar, p'ra o chão,

¿ E agora?
Ora!
Agora, a seguir, é um *O*...
o que é como uma rodinha,
um arquinho pequenino,
desenhado
como o tal que a mamã-sinha
há-de comprar ao menino
nos Armazens do Chiado.

O *S*
(o menino já sabia;
conhecia
esta letra, até de sobra.
Esse
é aquele que parece
uma enguia,
uma cobra!

O *E*
também já sabe como é;
são
umas escadas quebradas,
com três travessas pregadas
mas só com um corrimão,

O *C*
é um *O*
só
com um pedaço em falseta
e o *A*
é o cavalete
em que desenha o papá,

O *Ne*
¿ o menino vê?
é igual,
tal qual
um *V*
(o dos dois dedos p'ra o ar)
com outra perna p'ra o lado...
fica um *ene*
como o tubo articulado
dum bico de acetilene.

¿ O *D*
como é?
(agora o menino amua;
vá lá um beijo...
É do feitio da lua,
duma fatia de queijo.

¿ E agora aqui é um *I*,
uma vara ao alto só,
e em cima um ponto.
Mais outro *D*,
outro *O*,
e já se vê
fica pronto,

JOSÉ CANDIDO

Já está,
O Zézito
é um menino bonito,
faz o que manda o Papá,

■ F I M ■

HORA do RECREIO

Construção para armar

Uma noite, o pai de Pedrinho sentiu um ruído na dispensa que o fez intrigar. Julgando que se tratava de algum gatuno, armou-se com um maço de fazer pasteis e de uma lanterna de furta-fogo. Qual não foi o seu espanto quando, ao inspeccionar o interior da pequena casa, descobriu o Pedrinho, muito encolhido, roendo num pastel que tirara da prateleira. Calculem que guloso!

Maneira de construir

Cola-se a folha em papel forte ou cartolina, e recorta com cuidado, peça por peça.

Abrem-se as fendas que estão indicadas em número de 3 e a porta.

Liga-se a peça que tem o braço e a lanterna por meio de um «atache» (fig. 1) e em seguida a peça que tem o mendo pela parte de traz (fig. 2).

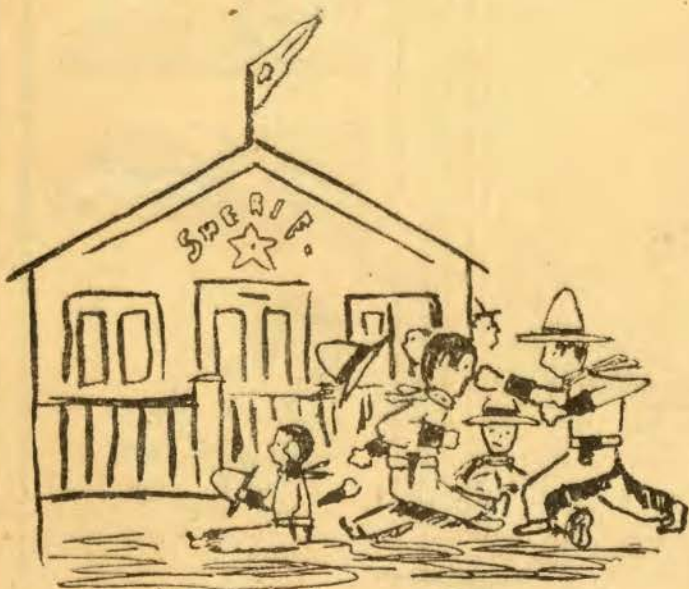
Palavras cruzadas

Solução do número anterior

G		M	E		E	M		S
A	M	A				I	D	A
L	I	R	A		A	M	O	R
O		E	L	E	V	O		A
			M		A			
F		B	A	R	R	A		P
A	S	A	S			O	R	A
R	E	I				T	I	O
O		A	S			P	E	A

Colaboração infantil

Adivinhas



Jose Brere de Vasconcellos
12 anos de idade
LISBOA.

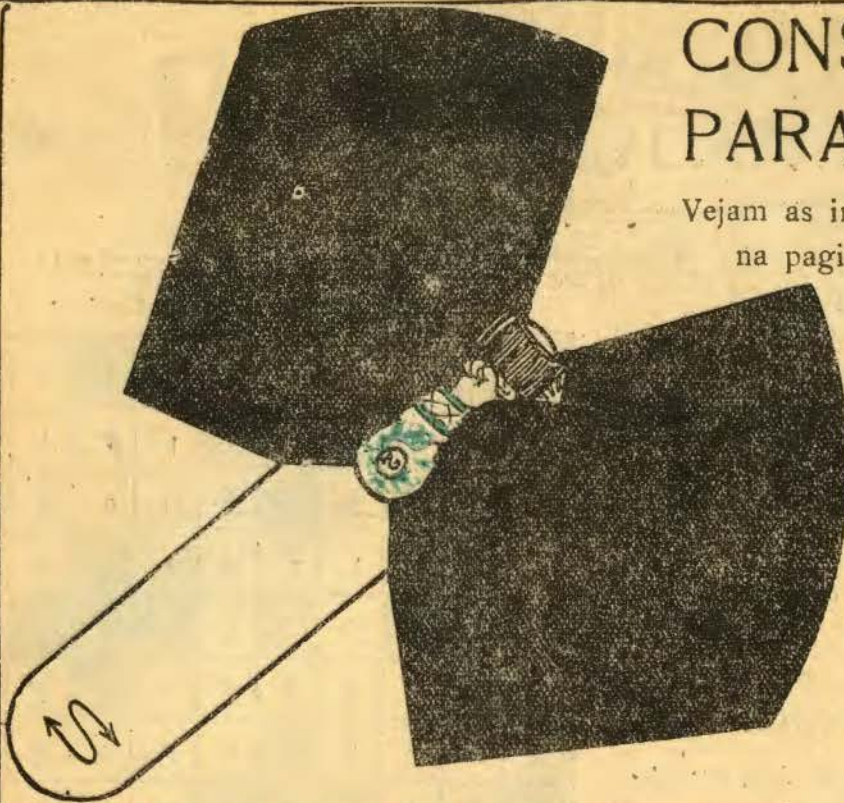
- 1—Qual a terra portuguesa que está nos tojos?
- 2—Qual a terra portuguesa que serve para atravessar o rio?
- 3—Qual a terra portuguesa que dá nespas?
- 4—Qual a terra portuguesa que é bosque?
- 5—Qual é a terra portuguesa que é árvore frutífera?
- 6—Qual é a cidade portuguesa que está de sentinela?
- 7—Qual é o rio português que é sinónimo de alcofa?
- 8—Qual é a cidade europeia que tem o nome de uma mulher?
- 9—Qual é a cidade americana que tem o nome de um fruto?

Soluções do número anterior

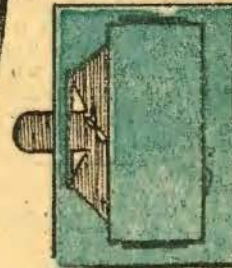
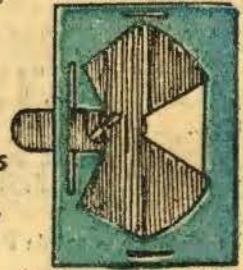
- 1—Estrela; 2—Velas (ilha de S. Jorge); 3—Saude; 4—Carvoeiro; 5—Sal; 6—Cebola; 7—Ferro; 8—Candieiros; 9—Colares; 10—Nogueira.

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Vejam as instruções na pagina 7



Visto de costas - fig. 1



Visto de costas - fig. 2

